

**ESTRESSE OCUPACIONAL E FATORES ESTRESSORES EM
ENFERMEIROS DE UNIDADES DE INTERNAÇÃO CLÍNICA**Karina Viana Ribeiro^a<http://orcid.org/0000-0002-1255-9288>Eduardo Mesquita Peixoto^b<http://orcid.org/0000-0001-5699-7290>Luciane De Souza Velasque^c<https://orcid.org/0000-0002-4269-4755>Giovana Cóprio Vieira^d<https://orcid.org/0000-0003-3761-6530>Elias Barbosa De Oliveira^e<http://orcid.org/0000-0001-5834-7312>Joanir Pereira Passos^f<http://orcid.org/0000-0002-6880-4545>**Resumo**

A enfermagem destaca-se como uma das profissões com maior risco para desenvolver estresse pela exposição frequente a inúmeros fatores que geram tensão no ambiente de trabalho. O objetivo deste artigo é descrever os níveis de estresse autorreferidos e o perfil sociodemográfico e laboral de enfermeiros, além de discutir os fatores estressores no ambiente laboral dos enfermeiros de unidades de internações clínicas. Após realizar um estudo quantitativo, descritivo e transversal com 39 enfermeiros assistenciais, em um hospital universitário no município do

^a Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Especialista em Saúde da Família. Enfermeira na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: karinavr22@hotmail.com

^b Enfermeiro. Mestre em Enfermagem. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: teachereduardo@outlook.com

^c Estatística. Doutora em Saúde Pública. Professora Adjunta na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: luciane.velasque@uniriotec.br

^d Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem e Biociências. Especialista em Enfermagem do Trabalho. Enfermeira na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: giovanavieira@hotmail.com

^e Enfermeiro. Pós-doutor em Álcool e Drogas. Doutor em Enfermagem. Professor Associado na Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: eliasbouerj@gmail.com

^f Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: joppas sos@hotmail.com

Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis – HESFA/UFRJ. Avenida Presidente Vargas, n. 2863, Centro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. CEP: 20210-030. E-mail: karinavr22@hotmail.com

Rio de Janeiro (RJ), os dados foram tratados mediante análise estatística univariada. Os resultados apontam que 87,2% (n = 34) afirmaram ter estresse de moderado a elevado no ambiente laboral. Os estressores autorreferidos mais relatados foram: falta de recursos materiais (insumos e equipamentos) (n = 25, 67,6%), relacionamentos interpessoais (n = 17, 45,9%), falta de estrutura física (n = 12, 32,4%) e a falta de recursos humanos (n = 10, 27%). O estudo é relevante, considerando que o estresse ocupacional pode gerar consequências negativas à saúde física e psíquica dos trabalhadores e, ainda, prejuízos às instituições devido aos afastamentos por motivo de doença dos trabalhadores e à perda de produtividade e qualidade do serviço prestado.

Palavras-chave: Enfermagem. Condições de trabalho. Estresse psicológico. Esgotamento profissional. Saúde do trabalhador.

OCCUPATIONAL STRESS AND STRESSORS IN CLINICAL INPATIENT UNIT NURSES

Abstract

Nursing stands out as one of the professions with the highest risk of developing stress due to frequent exposure to numerous stressors in the work environment. This study describes the self-reported stress levels and the sociodemographic and occupational profile of nurses, besides discussing the stressors in the work environment of clinical inpatient unit nurses. After carrying out a quantitative, descriptive and cross-sectional study with 39 nursing assistants, in a university hospital in the city of Rio de Janeiro, Brazil, data were treated by univariate statistical analysis. Results show that 87.2% (n = 34) of the nurses reported moderate to high stress in the work environment. The most frequently self-reported stressors were lack of material resources (supplies and equipment) (n = 25, 67.6%), interpersonal relationships (n = 17, 45.9%), lack of physical structure (n = 12, 32.4%), and lack of human resources (n = 10, 27%). The study is relevant, as occupational stress can generate negative consequences to the physical and mental health of workers and losses to institutions due to workers' sick leave and loss of productivity and quality of service provided.

Keywords: Nursing. Working conditions. Physiological distress. Burnout, professional. Occupational health.

ESTRÉS OCUPACIONAL Y FACTORES ESTRESORES EN ENFERMEROS DE UNIDADES DE HOSPITALIZACIÓN CLÍNICA

Resumen

La enfermería es una de las profesiones con mayor riesgo de desarrollar estrés debido a la exposición frecuente a muchos factores estresores en el ambiente de trabajo.

El objetivo de este artículo es describir los niveles de estrés autoinformados por los enfermeros y su perfil sociodemográfico y laboral, además de discutir los factores estresores en el ambiente laboral de los enfermeros de unidades de hospitalizaciones clínicas. Se realizó un estudio cuantitativo, descriptivo y transversal, a 39 enfermeros asistenciales, en un hospital universitario en el municipio de Río de Janeiro, y los datos fueron tratados mediante análisis estadístico univariado. Los resultados muestran que el 87,2% (n = 34) reportaron tener estrés de moderado a alto en el ambiente laboral. Los factores estresantes más autoinformados fueron: falta de recursos materiales (insumos y equipo) (n = 25; 67,6%), relaciones interpersonales (n = 17; 45,9%), falta de estructura física (n = 12; 32,4%) y falta de recursos humanos (n = 10; 27%). El estudio es relevante, considerando que el estrés ocupacional puede generar consecuencias negativas a la salud física y psíquica de los trabajadores y aún perjuicios a las organizaciones e instituciones, por los alejamientos por motivo de enfermedad de los trabajadores, pérdida de la productividad y de la calidad del servicio prestado.

Palabras clave: Enfermería. Condiciones de trabajo. Estrés psicológico. Agotamiento profesional. Salud laboral.

INTRODUÇÃO

O trabalho é uma das fontes de satisfação de diversas necessidades humanas, como autorrealização, manutenção de relações interpessoais e independência pessoal, porém pode se tornar fonte de adoecimento quando apresenta fatores de risco à saúde do trabalhador e este não dispõe de ferramentas suficientes para se proteger dos riscos¹⁻⁴.

Um dos agravos à saúde dos indivíduos, relacionado ao trabalho, é o estresse ocupacional, reconhecido como um dos riscos mais sérios ao bem-estar psicossocial. O estresse pode ser definido como uma resposta adaptativa do organismo a novas situações, especialmente aquelas apreendidas como ameaçadoras. O estresse ocupacional é considerado a falta de capacidade do trabalhador de se adaptar às demandas existentes no trabalho, percebidas por ele como ameaçadoras^{1,3,4,5}.

A enfermagem destaca-se como uma das profissões com maior risco para desenvolver estresse, à medida que expõe os profissionais a inúmeros fatores que geram estresse (estressores) no ambiente de trabalho, dos quais se destacam os aspectos de organização e administração, do sistema de trabalho e da qualidade das relações humanas. Os profissionais da enfermagem estão frequentemente sujeitos, ainda, a fatores estressores, como condições inadequadas de trabalho, jornadas prolongadas, excesso de tarefas, ambiente físico inadequado,

entre outros. Os diversos estressores existentes no trabalho agem individualmente em diferentes proporções, conforme a estrutura psicológica e física do profissional^{3,5-7}.

Cabe ressaltar que o estresse pode comprometer a saúde do trabalhador, ocasionando vários sintomas físicos, como aumento da sudorese, tensão muscular, taquicardia, hiperatividade, náuseas, cefaleia e dores no estômago. Pode, ainda, gerar doenças psíquicas, como problemas no relacionamento interpessoal, baixos níveis de desempenho, absenteísmo, presenteísmo, acidentes e insatisfação, e doenças físicas, como problemas cardiovasculares⁶⁻¹¹, o que acarreta alterações no ambiente de trabalho.

A partir do exposto, deve-se atentar para o fato de que os profissionais de enfermagem que atuam no ambiente hospitalar estão suscetíveis ao estresse ocupacional, fato referido por diversos autores. Em sua prática, exige-se dedicação no desempenho de suas funções, aumentando a probabilidade de ocorrência de desgastes físicos e psicológicos e do estresse ocupacional^{1,5,6,11}.

Assim, este estudo tem como objetivos descrever os níveis de estresse autorreferidos e o perfil sociodemográfico e laboral de enfermeiros e discutir os fatores estressores no ambiente laboral dos enfermeiros de unidades de internações clínicas.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo, de abordagem quantitativa, descritivo e transversal, trata-se de um recorte da pesquisa realizada durante o mestrado pela autora principal. O cenário foi um hospital universitário federal localizado no município do Rio de Janeiro, com 280 leitos ativos.

Participaram da pesquisa 39 enfermeiros, que se encaixavam nos critérios de inclusão adotados, a saber, atuar em unidade do serviço de internações clínicas e prestar assistência direta aos pacientes. Foram critérios de exclusão estar de licença durante o período de coleta de dados e exercer cargo de chefia. Ressalta-se que esse serviço dispõe de 41 enfermeiros assistenciais.

Para execução, foram respeitadas todas as exigências da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, que aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Antes da coleta de dados, o projeto de pesquisa foi enviado aos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) da instituição proponente e da instituição coparticipante para apreciação.

Após a aprovação pelos CEP, iniciou-se a coleta de dados, nos meses de outubro e novembro de 2016, por meio de um questionário sociodemográfico e laboral.

Os dados foram tabulados no EPI INFO versão 3.5.2 e no Microsoft Excel 2007. Para a análise dos dados, utilizou-se a estatística descritiva, mediante a análise univariada: frequência absoluta simples e frequência percentual simples.

RESULTADOS

A população estudada foi composta por 39 enfermeiros de cinco unidades de internação: cinco (12,8%) das áreas de Doenças Infecciosas e Parasitárias/Dermatologia; seis (15,4%) de Psiquiatria/Neurologia; seis (15,4%) de Nefrologia/Gastroenterologia; 16 (41%) de Clínica Médica; e seis (15,4%) de Unidade destinada à internação de pacientes em precaução por contato devido à colonização por bactéria multirresistente (ERC).

Como pode ser observado na **Tabela 1**, a maioria dos enfermeiros pertencia à faixa etária entre 31 e 40 anos (41%, n = 16), sendo 24 anos a idade mínima e 69 anos a máxima. Outra característica da população estudada foi o predomínio de participantes do sexo feminino (79,5%, n = 31).

Tabela 1 – Enfermeiros conforme as características pessoais. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil – 2016

Faixa etária	n	%
Menos de 30 anos	06	15,4
31 – 40 anos	16	41,0
41 – 50 anos	07	17,9
51 – 60 anos	06	15,4
Mais de 60 anos	04	10,3
Sexo	n	%
Feminino	31	79,5
Masculino	08	20,5
Estado civil	n	%
Casado	16	41,0
Divorciado	06	15,4
Solteiro	12	30,8
União estável	03	7,7
Viúvo	02	5,1
Nº de filhos	n	%
Sem filhos	15	38,4
1 filho	11	28,2
2 filhos	08	20,5
3 filhos	04	10,3
4 filhos	01	2,6

Fonte: Elaboração própria.

A maioria dos enfermeiros era casada (n = 16, 41%) e tinha pelo menos um filho (n = 24, 61,6%). Com relação ao estado civil, observou-se que 51,3% (n = 20) não eram casados e nem tinham uma união estável.

Observou-se que 76,9% (n = 30) dos participantes tinham pós-graduação, dos quais 96,7% (n = 29) com pós-graduação *lato sensu* (Especialização) e 3,3% (n = 1) com pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado).

Ao mesmo tempo que é representativo o número de enfermeiros com uma especialização ou mais, destaca-se que 23,1% (n = 9) não tinham nenhuma modalidade de pós-graduação.

Com relação à especialidade dos enfermeiros, percebeu-se uma diversidade de áreas, sendo a mais frequente em Enfermagem do Trabalho / Saúde do Trabalhador, com 20,5% (n = 8), seguida por Saúde da Família / Saúde Pública / Saúde Coletiva, com 15,4% (n = 6), e Saúde da Mulher / Enfermagem Obstétrica / Enfermagem Materno-infantil, com 12,9% (n = 5) (**Tabela 2**).

Tabela 2 – Capacitação dos enfermeiros em diferentes áreas. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil – 2016

Áreas – Especialização	n	%
Enfermagem do Trabalho / Saúde do Trabalhador	08	20,5
Saúde da Família / Saúde Pública / Saúde Coletiva	06	15,4
Saúde da Mulher / Enfermagem Obstétrica / Materno-Infantil	05	12,9
Educação / Docência	03	7,7
Enfermagem Dermatológica	02	5,1
Enfermagem Oncológica	02	5,1
Outras	11	28,2

Fonte: Elaboração própria.

A **Tabela 3** mostra que a maior parte dos enfermeiros tinha de 11 a 20 anos de atuação na profissão (28,3%, n = 11) e menos de cinco anos de atuação na instituição (43,6%, n = 17). No que diz respeito ao tempo de atuação profissional, 25,6% (n = 10) tinham de cinco a dez anos e 17,9% (n = 7) eram profissionais recentes na profissão, com menos de cinco anos de atuação.

Tabela 3 – Enfermeiros segundo as características laborais. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil – 2016

(continua)

Tempo de atuação na profissão	n	%
Menos de 5 anos	07	17,9
5 – 10 anos	10	25,6
11 – 20 anos	11	28,3
21 – 30 anos	05	12,8
Mais de 30 anos	06	15,4
Tempo de atuação na instituição	n	%
Menos de 5 anos	17	43,6
5 – 10 anos	05	12,8
11 – 20 anos	09	23,1
21 – 30 anos	03	7,7
Mais de 30 anos	05	12,8

Tabela 3 – Enfermeiros segundo as características laborais. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil – 2016

(conclusão)

Turno de trabalho	n	%
Diurno	20	51,3
Noturno	19	48,7
Vínculo com a instituição	n	%
Extra Quadro	13	33,3
Regime Jurídico Único	26	66,7
Outro vínculo empregatício	n	%
Não	14	35,9
Sim	25	64,1
Carga horária semanal de trabalho	n	%
De 30 a 40 horas	14	35,9
De 41 a 60 horas	21	53,8
Mais de 60 horas	04	10,3

Fonte: Elaboração própria.

Com relação ao turno de trabalho, o número de enfermeiros nos dois turnos era próximo, sendo 51,3% (n = 20) do turno diurno e 48,7% (n = 19) do noturno.

Quanto ao tipo de vínculo com a instituição, observou-se que a maioria (66,7%, n = 26) era concursada pertencente ao Regime Jurídico Único, sendo 33,3% extraquadros (n = 13), profissionais contratados sob a forma de regime de trabalho temporário, sem carteira assinada e direitos legais previstos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). No que diz respeito ao vínculo empregatício, verificou-se um expressivo número (64,1%, n = 25) com duplo vínculo e uma jornada de trabalho superior a quarenta horas semanais.

Dos participantes, 43,6% (n = 17) referiram realizar alguma atividade considerada como lazer pelo ao menos uma vez por semana e 10,2% (n = 4) mais de uma vez por semana. Por outro lado, 43,6% (n = 17) mencionaram a prática de lazer uma vez a cada quinze dias ou uma vez por mês, e 2,6% (n = 1) informaram não ter lazer nunca. Observou-se que quase a metade (46,2%, n = 18) dos enfermeiros tinha muito pouco lazer (uma vez a cada 15 dias ou nunca).

Destaca-se que não foi delimitado aos participantes o que seria lazer, deixando-se que respondessem a frequência de acordo com o que entendessem por lazer.

É importante lembrar que 12,8% (n = 5) dos participantes relataram nunca se sentir estressados ou ter estresse baixo no trabalho. A maioria (59%, n = 23) descreveu como moderado o seu estresse, 25,6% (n = 10) como alto e 2,6% (n = 1) como elevado (**Tabela 4**). Assim, é expressiva a quantidade de enfermeiros (87,2%, n = 34) que manifestaram ter estresse de moderado a elevado no ambiente laboral.

Tabela 4 – Nível de estresse autorreferido pelos enfermeiros no ambiente de trabalho. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil – 2016

Estresse autorreferido	n	%
Nunca	02	5,1
Baixo	03	7,7
Moderado	23	59,0
Alto	10	25,6
Elevado	01	2,6
Total	39	100,0

Fonte: Elaboração própria.

Houve 89 citações de agentes estressores, consideradas todas as menções, mesmo que repetidas entre os participantes e, ao total, foram encontrados 41 estressores.

Procedeu-se a análise dos estressores autorreferidos; posteriormente, foram agrupados, utilizando-se os domínios descritos na Escala Bianchi de Stress¹², com vista a uma padronização dos termos (**Tabela 5**).

Tabela 5 – Domínios dos estressores autorreferidos pelos enfermeiros por número de citações. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil – 2016

Domínios dos Estressores	n	%
1 - Funcionamento adequado da unidade	28	31,5
2 - Condições de trabalho	22	24,7
3 - Relacionamento interpessoal	17	19,1
4 - Administração de pessoal	14	15,7
5 - Assistência	05	5,6
6 - Coordenação das atividades da unidade	03	3,4
Total	89	100,0

Fonte: Elaboração própria.

O estressor de maior destaque foi a falta de recursos materiais (insumos e equipamentos), assinalados por 25 (67,6%) dos 37 enfermeiros que relataram sentir-se estressados (domínio 1).

Em segundo lugar, apareceram os relacionamentos interpessoais (domínio 3), relatados por 17 (45,9%) dos enfermeiros. Foram considerados desgastantes os relacionamentos com a equipe de enfermagem e a multiprofissional, a chefia, os supervisores, as outras unidades, os pacientes e acompanhantes.

Outros estressores em destaque foram: a falta de estrutura física (domínio 2) e a falta de recursos humanos (domínio 4), mencionados por 12 (32,4%) e dez enfermeiros (27%), respectivamente.

DISCUSSÃO

Estudos realizados com enfermeiros hospitalares apontaram como faixa etária mais frequente entre 30 e 39 anos (n = 49, 49%) e entre 30 e 40 anos (n = 36, 35,6%), respectivamente, o que se assemelha à encontrada nesta pesquisa^{12,13}.

O fato de a maioria dos participantes ser do sexo feminino também foi encontrado em diversos estudos envolvendo profissionais da Enfermagem^{4,7,8,12,14}. Isso pode ser explicado pelo fato de historicamente as mulheres serem o grupo que se dedica ao cuidado, seja dos filhos, seja do marido ou de familiares, e a Enfermagem ter em sua essência o cuidado ao ser humano¹².

Um estudo identificou que 62,4% (n = 63) dos enfermeiros tinham filhos¹³; outro, que 59% eram casados ou viviam com companheiro e 46% (n = 46) dos participantes tinham filhos¹², resultados que também se aproximam dos resultados desta pesquisa.

Cabe ressaltar que é expressiva a quantidade de enfermeiros com alguma especialização. Esse resultado é semelhante ao encontrado por outros autores: do total dos participantes em um estudo, 80% (n = 80) tinham pós-graduação *lato sensu* e 3% (n = 3) pós-graduação *stricto sensu*¹², e, em outra pesquisa, 74,5% (n = 196) do total de enfermeiros tinham pós-graduação *lato sensu*¹⁵.

Pesquisadores afirmam que a especialização é uma característica que cada vez mais tem se observado entre os enfermeiros jovens, que procuram se inserir no mercado de trabalho com a capacitação de especialista¹⁵.

Com relação aos tipos de vínculos encontrados, autores discutem que o mundo do trabalho tem sofrido mudanças estruturais, conferindo inserção diferenciada nos mercados, novas relações de trabalho, novos mecanismos de gestão, reestruturação produtiva e exigência de novos perfis profissionais, e que as consequências dessas mudanças são marcadas pela flexibilização, pela alta especialização e, ao mesmo tempo, a desespecialização, a polivalência (multifuncionalidade), a subcontratação, a informalidade, a perda dos direitos sociais, o desemprego e a precarização do trabalho. Dessa forma, a enfermagem, enquanto prática que se insere no mundo do trabalho e na atenção à saúde, estabelece vínculos com as leis sociais e sofre o impacto dessas transformações¹⁶.

Neste estudo, a maioria dos participantes tem um ou mais vínculos de trabalho. Outros estudos identificaram o duplo vínculo em 56,75%, 57%, respectivamente, dos participantes de sua pesquisa^{13,14}. Outra pesquisa, realizada com enfermeiros hospitalares, verificou que 45,8% dos enfermeiros têm outro vínculo empregatício, o que pode ser resultado da necessidade de complementação salarial⁸.

Ressalta-se que o duplo vínculo acentua a sobrecarga de trabalho e pode comprometer a saúde dos trabalhadores, acarretando-lhes desgaste físico e mental. Os enfermeiros passam longos períodos no trabalho, longe da família, com pouco tempo para seu autocuidado e atividades de lazer, o que pode desencadear o estresse ocupacional^{8,17,18}.

Além disso, um fator adicional à predisposição ao estresse é o acúmulo de funções trabalhistas e domésticas pelas mulheres, considerando que estas geralmente são as responsáveis pelas atividades do lar^{8,17,18}.

A falta de tempo para lazer pode estar relacionada à carga horária semanal exaustiva cumprida e é preocupante, pois é um dos fatores que estão relacionados à ocorrência de estresse⁹. Pode-se considerar lazer o tempo de que se dispõe livremente para repouso ou distração; atividade que se realiza nesse tempo; folga; descanso¹⁹. Lazer pode também ser considerado uma série de atividades realizadas fora do trabalho²⁰.

Dedicar tempo ao lazer é uma das ações importantes para reduzir o estresse ocupacional, pois o lazer é um dos amortecedores do estresse, sendo fundamental para prevenção de sintomas psicológicos²⁰.

A maioria dos enfermeiros deste estudo referiu estresse de moderado a alto no ambiente de trabalho (87,2%, n = 34). De forma análoga, em um estudo, 93 profissionais de enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva e Unidade Coronariana (71,5%) autorreferiram médio nível de estresse²¹. Em outro, os pesquisadores identificaram que 97,4% dos profissionais se sentiam estressados, e apenas 2,6% afirmaram que não¹⁴.

Entretanto, tal achado diferencia-se do encontrado em alguns estudos. Autores evidenciaram, por meio da autorreferência, níveis de estresse baixo (2,8%), médio (8,3%), de alerta (22,2%), alto (38,9%) e 27,8% dos enfermeiros acreditavam que o estresse não se aplicava às suas atividades em serviços de emergência. Nesse estudo, embora o número de enfermeiros com alto nível de estresse seja maior do que o encontrado nesta pesquisa, 69,4% (n = 25) declararam um nível de estresse de médio a alto, enquanto nesta 87,2% (n = 31) o declararam⁶.

Com a utilização da Escala de Estresse no Trabalho, pesquisadores verificaram que 52% dos enfermeiros foram classificados como estressados⁸. Observaram em outro estudo que 24% dos participantes foram considerados não estressados e 34% um pouco estressados; 28% perceberam-se com estresse em nível médio e 12% muito estressados, enquanto 2% relataram sentir-se extremamente estressados¹.

Com relação aos fatores estressores apontados, é importante salientar que a falta de recursos materiais, estressor mais relatado, provoca o imprevisto e a procura por materiais em outros setores, o que pode gerar cansaço físico e mental pelo tempo despendido⁶.

Outro estressor de destaque foram os problemas nas relações interpessoais, que são considerados uma das principais fontes geradoras de estresse ocupacional, sendo descritos em diversos estudos sobre a enfermagem^{1,6-8,14}.

A estrutura precária dos hospitais públicos também é apontada como um dos fatores que geram mais sofrimento do que prazer no trabalho e favorece o desenvolvimento do estresse entre os enfermeiros¹⁸.

Somado a isso, a escassez de trabalhadores de enfermagem e a grande demanda de serviço implicam um ritmo acelerado de trabalho, condição que gera agravos e afastamentos que, além de prejuízos financeiros, comprometem a assistência prestada e ainda trazem um impacto negativo aos demais integrantes da equipe pela sobrecarga de trabalho¹⁶.

Salienta-se que na área da saúde, não são poucas as exigências: o trabalho é reflexivo, articulando dimensões técnicas, éticas e políticas em cenários de múltiplos e diversos atores – profissionais de diferentes formações e usuários de todas as origens e culturas. Além disso, trabalha-se com a vida, o corpo e a morte²². A partir dessas características, pode-se pensar sobre a complexidade das atividades laborais dos enfermeiros e a possibilidade de adoecimento desses profissionais.

Durante o decorrer de seus afazeres, o trabalhador está sujeito a determinadas situações que podem levar a um desgaste emocional, colaborando para o estresse, afetando sua qualidade de vida e o desenvolvimento de seu trabalho²³. Nesse sentido, uma pesquisa mostrou prevalência de 27,7% de casos suspeitos para transtornos mentais comuns e prevalência de síndrome de *burnout* (cronificação do estresse) de 55,3% na equipe de enfermagem da unidade de terapia intensiva e na unidade coronariana²¹, fato que desperta a necessidade de maior cuidado e atenção a esses profissionais.

É fundamental a elaboração de estratégias organizacionais de intervenção, como capacitação dos profissionais em gerenciamento de estresse e conflitos, realização de reuniões e grupos de discussões de processos de trabalho e de incentivo a hábitos de vida saudáveis, oferta de atendimentos individuais a profissionais acometidos por estresse, com vistas a minimizar os danos à saúde desses indivíduos e melhorar sua qualidade de vida, o que refletirá, possivelmente, numa melhor qualidade dos serviços prestados^{9,23}.

CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou a identificação dos níveis de estresse autorreferidos, do perfil sociodemográfico e laboral, dos fatores estressores no ambiente de trabalho dos enfermeiros de unidades de internação clínica e a discussão desses fatores.

O perfil sociodemográfico e laboral dos enfermeiros encontrado foi: idade compreendida na faixa etária de 31 a 40 anos (n = 16, 41%), sexo feminino (n = 31, 79,5%), casado (n = 16, 41%), com pelo menos um filho (n = 24, 61,6%), com pós-graduação (n = 30, 76,9%), de 11 a 20 anos de atuação na profissão (n = 11, 28,3%), com menos de cinco anos de atuação na instituição (n = 17, 43,6%), concursado pertencente ao Regime Jurídico Único (n = 26, 66,7%), com duplo vínculo e uma jornada de trabalho superior a quarenta horas semanais (n = 25, 64,1%), realizam alguma atividade considerada como lazer pelo ao menos uma vez por semana (n = 17, 43,6%).

Observou-se que a maioria (n = 23, 59%) descreveu como moderado o seu estresse e 87,2% (n = 34) manifestaram ter estresse de moderado a elevado no ambiente laboral.

Os estressores autorreferidos mais relatados, em ordem decrescente de citações, foram: falta de recursos materiais (insumos e equipamentos) (n = 25, 67,6%), seguidos por relacionamentos interpessoais – relacionamentos com equipe de enfermagem e multiprofissional, chefia, supervisores, outras unidades, pacientes e acompanhantes (n = 17, 45,9%), falta de estrutura física (n = 12, 32,4%) e a falta de recursos humanos (n = 10, 27%).

Torna-se relevante a melhora das condições de trabalho desses profissionais, como: estrutura física e recursos humanos adequados; melhor relacionamento interpessoal com colegas, pacientes/familiares e chefia; avaliação e organização dos processos de trabalho, tendo em vista prevenir o adoecimento dos profissionais.

Ressalta-se que a relevância de estudos deste tipo se dá pelo fato de o estresse ocupacional gerar consequências negativas à saúde física e psíquica dos trabalhadores e ainda prejuízos às organizações e instituições, por causa dos afastamentos por motivo de doença dos trabalhadores, perda da produtividade e da qualidade do serviço prestado.

Nesse sentido, sugere-se mais estudos abordando a temática, que possam subsidiar discussões e a elaboração de políticas públicas voltadas a esse público.

COLABORADORES

1. Concepção do projeto, análise e interpretação dos dados: Karina Viana Ribeiro, Eduardo Mesquita Peixoto, Luciane de Souza Velasque, Giovana Cóprio Vieira, Elias Barbosa de Oliveira e Joanir Pereira Passos.

2. Redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Karina Viana Ribeiro e Joanir Pereira Passos.

3. Revisão e/ou aprovação final da versão a ser publicada: Karina Viana Ribeiro e Joanir Pereira Passos.

4. Ser responsável por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra: Karina Viana Ribeiro e Joanir Pereira Passos.

REFERÊNCIAS

1. Costa DT, Martins MCF. Estresse em profissionais de enfermagem: impacto do conflito no grupo e do poder do médico. *Rev Esc Enferm USP*. 2011;45(5):1191-8.
2. Fernandes MA. Riscos ocupacionais e o adoecimento de trabalhadores de saúde de um hospital psiquiátrico do Piauí [tese]. Ribeirão Preto (SP): Universidade de São Paulo; 2014 [citado em 2016 out 10]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-07012015-143853/pt-br.php>.
3. Ruback SP, Tavares JMAB, Lins SMSB, Campos TS, Rocha RG, Caetano DA. Estresse e síndrome de burnout em profissionais de enfermagem que atuam na nefrologia: uma revisão integrativa. *R Pesq Cuid Fundam Online*. 2018;10(3):889-99.
4. Santos NAR, Santos J, Silva VR, Passos JP. Estresse ocupacional na assistência de cuidados paliativos em oncologia. *Cogitare Enferm*. 2017;22(4):1-10.
5. Fonseca JRF, Lopes Neto D. Níveis de estresse ocupacional e atividades estressoras em enfermeiros de unidades de emergência. *Rev Rene*. 2014;15(5):732-42.
6. Meneghini F, Paz AA, Lautert L. Fatores ocupacionais associados aos componentes da síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem. *Texto & Contexto Enferm*. 2011;20(2):225-33.
7. Ribeiro RP, Marziale MHP, Martins JT, Galdino MJQ, Ribeiro PHV. Estresse ocupacional entre trabalhadores de saúde de um hospital universitário. *Rev Gaúch Enferm*. 2018;39:1-6.
8. Montanholi LL, Tavares DMS, Oliveira GR. Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar. *Rev Bras Enferm*. 2006;59(5):661-5.
9. Kestenberg CCF, Ventura Felipe IC, Rossone FO, Delphim LM, Teotonio MC, et al. O estresse do trabalhador de enfermagem: estudo em diferentes unidades de um hospital universitário. *Rev Enferm Uerj*. 2015;23(1):45-51.
10. Zanetti TG, Graube SL, Dezordi CCM, Bittencourt VLL, Horn RC, Stumm EMF. Sintomas de estresse em familiares de pacientes adultos em terapia intensiva. *Saúde e Pesqui*. 2017;10(3):549-55.
11. Jacques JPB, Ribeiro RP, Scholze AR, Galdino MJQ, Martins JT, Ribeiro BGA. Wellness room as a strategy to reduce occupational stress: quasi-experimental study. *Rev Bras Enferm*. 2018;71(1):524-31.

12. Vieira NF. Avaliação do estresse entre os enfermeiros hospitalares de um município do sul de Minas Gerais [dissertação]. Alfenas (MG): Universidade Federal de Alfenas; 2014 [citado em 2016 out 20]. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/327>.
13. Lima GF, Bianchi ERF. Estresse entre enfermeiros hospitalares e a relação com as variáveis sociodemográficas. *REME Rev Min Enferm*. 2010;14(2):210-8.
14. Calderero ARL, Miasso AI, Corradi-Webster CM. Estresse e estratégias de enfrentamento em uma equipe de enfermagem de Pronto Atendimento. *Rev Eletrônica Enferm*. 2008;10(1):51-62.
15. Guerrer FJL, Bianchi ERF. Caracterização do estresse nos enfermeiros de unidades de terapia intensiva. *Rev Esc Enferm USP*. 2008;42(2):355-62.
16. Santana LL, Miranda FMDM, Karino ME, Baptista PCP, Felli VEA, Sarquis LMM. Cargas e desgastes de trabalho vivenciados entre trabalhadores de saúde em um hospital de ensino. *Rev Gaúch Enferm*. 2013;34(1):64-70.
17. Fogaça MC, Carvalho WB, Nogueira PCK, Martins LAN. Estresse ocupacional e suas repercussões na qualidade de vida de médicos e enfermeiros intensivistas pediátricos e neonatais. *Rev Bras Ter Intensiva*. 2009;21(3):299-305.
18. Versa GLGS, Murassaki ACY, Inoue KC, Melo WA, Faller JW, Matsuda LM. Estresse ocupacional: avaliação de enfermeiros intensivistas que atuam no período noturno. *Rev Gaúch Enferm*. 2012;33(2):78-85.
19. Priberam Dicionário. Lazer [Internet]. 2021 [citado 2022 mar 2]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/lazer>
20. Pondé MP, Caroso C. Lazer como fator de proteção da saúde mental. *Rev Ciênc Méd*. 2003;12(2):163-72.
21. Silva JLL, Soares RS, Costa FS, Ramos DS, Lima FB, Teixeira LR. Fatores psicossociais e prevalência da síndrome de burnout entre trabalhadores de enfermagem intensivistas. *Rev Bras Ter Intensiva*. 2015;27(2):125-33.
22. Rios IC. Humanização e ambiente de trabalho na visão de profissionais da saúde. *Saúde Soc*. 2008;17(4):151-60.
23. Ferreira JS, Ribeiro KV, Caramuru PS, Hanzelmann RS, Velasco AR, Passos JP. Stress and coping strategies in workers of nursing of a family health unit. *R Pesq Cuid Fundam Online*. 2017;9(3):818-23.

Recebido: 30.5.2019. Aprovado: 26.2.2021.